

IMAGINÁRIO INDÍGENA E LITERATURA¹

Elisa Angotti KOSSAVITCH*

Estudiosos europeus que se debruçam sobre o México pré- e pós-colombiano, bem como pesquisadores meso-americanos (mexicanos e/ou outros) usam, indiscriminadamente, a palavra **literatura** para tentar explicar uma produção pictográfica (anterior à conquista) ou alfabética (pós-conquista), uma escritura enfim, como se o termo por ser para nós, o mais claro e o mais “natural”, fosse suficiente para referir toda e qualquer espécie de imaginário.

Esse ponto de partida explícita, creio, indubitavelmente, que o **nominalismo** não me permitirá aceitar as palavras como meros veículos portadores de qualquer sentido, **dito e/ou aceito como natural, óbvio, ou mesmo verdadeiro.**

Tampouco serei detentora de conhecimentos plenos, certificadora de garantias. Tentarei, na medida do tempo disponível e do interesse dos interlocutores, orientar a discussão em torno de temas que me angustiam e para os quais tenho mais perguntas do que respostas.

Uma das afirmações de maior impacto, para os que estudam a conquista do México, é a de saber que, **sete anos**, (algumas fontes mencionam, cinco) **apenas**, após a derrota do Império asteca, os frades da conquista dominam o náhuatl, a ponto de transformá-lo, de língua oral - pic-

¹ Com algumas raras retificações, precisões e a adição de notas e bibliografia, mantive o texto apresentado em Araraquara, no evento Ameríndia 94, a 20 de abril de 1994, daí seu caráter oral e às vezes interlocucional.

* Faculdade de Educação - UNICAMP - Caixa Postal 6120 - Campinas-SP.

tográfica, em língua escrita - alfabética. Admiração equivalente daquela que representou a descoberta da Pedra de Roseta, por Champollion².

Admiração e conhecimento associados representam para o Ocidente a oportunidade de decifrar “os mistérios do Oriente”, aqui simbolizado pelos astecas, lá pelos egípcios. Nossa interlocução restringir-se-á, aqui e agora, à elaboração dos mitos e do imaginário da conquista do México, pela admiração e pelo conhecimento que, ao invés de favorecer o desenvolvimento de uma metodologia de decodificação dos sistemas escritos, tal como se deu no Egito, (métodos arqueológicos e etnográficos elaborados *in absentia* da civilização objeto), recodifica um sistema escritural, a partir de um outro sistema, o fonológico (metodologia ainda incipiente - século XVI, daquilo que os séculos posteriores, XVIII, XIX e XX chamariam de paleoarqueologia), pela reelaboração, *in praesentia* da cultura do povo conquistado, através da informação oral dos sobreviventes.

Sugiro que se retenha para nossa discussão sobre literatura, a elaboração dos mitos e do imaginário que são, pelo menos para nossa tradição “ocidental”, os ingredientes básicos da constituição daquilo que se convencionou denominar, **literatura**.

Atenho-me, por enquanto, à terminologia dos códigos e à decodificação dos códices. Os séculos XVIII e XIX, em suas luzes e positivities preferiram, pelos motivos óbvios, deciframentos e/ou revelações.

Até agora ou melhor, **ainda há poucos dias**, minhas dúvidas apoiavam-se numa grande e irrefutável certeza de que algo se havia perdido, na passagem do pictograma náhuatl para o alfabeto asteco-mestiço. Esta noção da perda irreparável fazia com que eu sempre voltasse ao ponto de partida: onde o elo perdido? **Onde encontrar garantias** de que o material escrito ou mesmo pintado, **depois** da conquista, fosse confiável? Apoiava-

² Para desenvolvimentos posteriores das possíveis semelhanças e diferenças, sugeriria a leitura de Warburton (1977).

me na segurança de Rubén Bonifaz Nuño que, em seu livro, *Imagen de Tláloc*, elabora toda uma análise iconográfica dos monumentos e esculturas, atribuindo-lhes credibilidade (na medida em que não puderam ser “adulterados” pelos conquistadores ou pelos mestiços), opondo-lhes o pictográfico-escritural, produzido e/ou alterado pós-conquista. Eis, rapidamente, o que afirma:

Los monumentos plásticos, grandes y pequeños, estan libres de cualquier sospecha de contaminación. Hechos antes del contacto con la cultura traída por los españoles, manifiestan en su pureza la concepción que sus autores tuvieron del hombre y del mundo, de sus relaciones entre sí y con lo que tenían por órdenes superiores (...) en ellas, pues, se encontrará su verdad.

Encuanto a los textos, tengo para mí que todos pueden ser considerados falsos en tanto que no sean reiteradamente confirmados por la existencia de testimonios plasticos que demuestren su veracidad.
(Nuño, 1988, p.20-21).

O elo perdido, a certeza da perda irreparável a que me referi há pouco, a volta à estaca zero ... E o nominalismo? E a irrefutável certeza de que é preciso duvidar de tudo, criticar, perguntar por tudo? Por que, repentinamente, não o fazia para as afirmações de Bonifaz Nuño? Eis que me pego em flagrante delito de **indigenocentrismo**. Já que o eurocentrismo é um óculo tão desfocado, por que não focalizar tudo na “única”, “verdadeira” e “boa” razão indígena?

O respeito e admiração que nutro enquanto pesquisadora por alguns mestres de pensamento europeus e/ou indígenas não significam, de modo algum, que eu deva abdicar da reflexão crítica em nome de uma

verdade dos “vencidos”, “sul-americanos” ou outros ... Assim, sem des-
cuidar dos matizes, vamos ao desenho.

Se, como diz Soustelle, (1955) no que é apoiado por Bonifaz Nuño, o testemunho arqueológico constitui, sem dúvida, prova incontes-
tável de inadulteração, por parte de quem quer que seja, isso não quer di-
zer que tudo deva ser lido a partir de uma visão iconográfico-
arquitetônica. Muitos códices pré-cortesianos (dos poucos restantes), não
deixaram obviamente cópia arquitetônica autenticada. Obviamente, porque
não se trata nem do mesmo suporte, nem da mesma modalidade de trans-
mitir um ritual ou um conhecimento e, sobretudo, **não se trata do mesmo
código**. Numa sociedade em que código é lei, parece lógica, a **redundân-
cia burocrática**. Apesar de Georges Baudot (1976), afirmar ser a socie-
dade asteca, uma sociedade burocrática, pela proliferação de papéis (en-
quanto produção e enquanto consumo), o registro efetivo dessa “cópia”
(no sentido latino) desapareceu. Quanto à **redundância, se non é vero é
bene trovato** - cultural, ancestral e mitologicamente falando, a sociedade
asteca tem uma estrutura aglomerativa, aglutinativa e, por extensão, repe-
titiva, logo, redundante.³

A título de polêmica, proporia a seguinte afirmação de Georges
Baudot ao concluir um raciocínio iniciado com a comparação entre dife-
rentes códigos lingüísticos “americanos”, mais ou menos simbólicos, mais
ou menos abstratos, mais ou menos numérico quantitativos:

A meio caminho entre a simples figuração pictográfica,
o ideograma e o símbolo fonético, o sistema escritural dos
escribas *mexica* ou *tlacuiloque* pré-hispânicos é um meca-
nismo de *representação* do pensamento que ainda se procura.
De fato, às vésperas da invasão européia, o *tlacuilo*
náhuatl procurava uma solução mais *econômica e mais efi-
caz*. Ainda não havia determinado as escolhas decisivas
para uma escritura em plena evolução, não havia adotado

³ Para a tópica histórico formativa do substrato lingüístico náhuatl, remeto os interessa-
dos à leitura de Baudot & Tódorov (1983); Gruzinski (1988).

qualquer solução: alfabeto ideográfico ou alfabeto fonético, parecia perguntar-se? (Baudot, 1976).

Sublinho na afirmação de Baudot - representação, solução econômica e mais eficaz e *pensamento que ainda se procura*.

Ainda no mesmo artigo, pouco mais adiante, o mesmo autor, a respeito do campo semântico do *náhuatl* e sua capacidade de aglutinar sons tornando uma única palavra portadora de toda uma “cosmovisão”, diríamos hoje, de todo um universo simbólico-semântico, escolhe a *Quetzalcóatl*, o deus-rei ou homem-deus dos Toltecas, cuja significação, “serpente-quetzal” ou “serpente com plumas verdes de quetzal”, já impregna todo o discurso com seu sentido abrangente - é a serpente emplumada que “representa” a civilização, as artes, a abundância; é o mito fundador das artes plumárias e da escritura, é a força da inteligência e do refinamento das artes, é a divindade que, passada a idade das artes, é vencida por Tezcatlipoca, erige uma fogueira às margens do Atlântico, nela se jogando, dando origem ao que, os do lado de lá, denominam de “estrela da manhã”. Quetzalcóatl evoca ainda, semanticamente, o sol que se levanta a leste e cujo curso remete à morte e à ressurreição.

Tão somente uma palavra mas, dada sua capacidade aglomerativa, aglutinante, capaz de encerrar toda uma simbologia fundamental para a compreensão do arcabouço cultural mexicano. Tal figura de linguagem é chamada aqui, por nosso universo cultural, *metonímia* ... Quanto à economia a que Baudot se refere, *quem seria mais econômico?* ...

Conceitos como os de *representação, solução econômica, solução eficaz*, são cabíveis para “nosso” universo cultural europocêntrico atual, porém parecem-me totalmente anacrônicos, tanto para a sociedade asteca, como também para a sociedade hispânica do século da conquista (XVI), já que são posteriores a elas.

O encantamento de Baudot é também o maravilhamento de todos os pesquisadores que se têm detido nas questões lingüísticas da conquista do México e nas modalidades de transliteração dos fonemas.

Todos aqueles que trabalham com a linguagem sabem que a adjetivação remete ao sujeito da enunciação muito mais do que ao do enunciado. Ora, o procedimento admiratório é pois eloqüente de significações - maravilhamo-nos conosco e desviamos nosso olhar do “outro” que, *ipso facto*, permanece na penumbra. Senão, vejamos: admiração, inicialmente, *temporal* - o primeiro documento escrito em náhuatl transliterado, foi redigido *sete anos* após a derrota de México-Tenochtitlan e quatro anos após o trabalho de sistematização da escuta franciscana - os *Anais Históricos da Nação Mexicana* foram realizados em 1528.

Além da precocidade, Baudot considera os *Anais* admiráveis por “sua composição e por sua forma” (Baudot, 1983). Compostos de cinco peças diferentes, os *Anais* são assim distribuídos: a) *Lista dos reis* de Tlatelolco, b) *Lista dos reis* de Tenochtitlan, c) *Genealogia* dos reis de Azcapotzalco, d) Suplemento desta Genealogia e e) *História* de Tlatelolco desde tempos mui remotos. O anonimato é constituido companheiro da privacidade e, o argumento do Autor pareceria irrefutável: “quem poderia, em 1528, tão cedo, escrever em *náhuatl* transliterado a totalidade de informações aí contidas, com a segurança de quem viveu tais situações transcritas, senão um *tlacuilo* (escriba) ou um *tlamatini* (sábio)? “A sua admiração interrogativa acrescenta o argumento da economia: “o náhuatl transliterado representou uma economia até então impensável”, para a transmissão de conhecimentos e informações (Baudot, 1983, p.25-7). É na “economia” que se perde o crítico em contemplação narcísica. A escritura alfabética sempre foi considerada uma conquista, uma vitória para o “nosso ocidente”, mas tê-lo-ia sido para a sociedade asteca? Não o fora para esta, o que dizer para a enunciação do século XVI? Já não se estaria então, na Espanha, em plena enunciação “barroca”?

Não estaria Baudot projetando uma enunciação de século XX sobre textos do século XVI? Se tal argumento parece insustentável diante de uma retórica seiscentista, mais insustentável o é na asteca de então.

Recordemo-nos dos diferentes níveis (hierárquicos) de linguagem asteca, com todos os seus códigos (a linguagem sacerdotal, a imperial, a guerreira, a divinatória, a quotidiana, etc....). No entanto, se há níveis diferentes, “algo” permanece em todos eles - a língua asteca é estruturalmente “perdulária”; seu código lingüístico é o de um conglomerado de partículas fônicas que se compõem por justaposição. Assim, por exemplo, para dizer que uma determinada pessoa envelheceu, o informante enunciará: “Huehhuénton ípan *mocuep*, ípan *mixcuh*, ípan *moquíti*, ohuelcóliuh, ohuelcuaiztae *omocuaztápon*”, cuja tradução literal seria “tornou-se velho, transformou-se em velho, encurvou-se, sua cabeça ficou bem branca, adquiriu cãs”. Aquilo que, para nosso código lingüístico, é sinônimo de redundância vazia e signo de pouca inteligência, para o deles é sinal de elegância. Quanto mais recursos sinonímicos tiver o falante, mais elevado será considerado seu discurso.

Assim, pelo viés da economia, chegamos aos níveis de discurso asteca, que são inúmeros, porém que, para os efeitos demonstrativos aqui desejados seleciono dois dos mais conhecidos e consagrados, a saber: o *tlahtolli* e o *cuicatl*. *Tlahtilli* significando discurso, fala, escrito, *cuicatl* significa canto, poema. “Economicamente” diríamos, *prosa e verso*!

Estas duas modalidades discursivas não são nem exclusivas nem unívocas. Estrutural, temática, estilística e gramaticalmente falando, particularidades do *cuicatl* podem ser encontradas no interior de um *tlahtolli* do mesmo modo que as desta forma de discurso no *cuicatl*.

Assim, por conseguinte, em termos de níveis de linguagem, os chamados *Anais* são um composto de *tlahtolli* com *cuicatl*, o que nos levaria a validar sua origem, a partir de um *tlacuilo* ou *tlamatini* porém, “a ausência total de signos pertencentes aos alfabetos originais” tornou-os, para Segala, “verdadeiras ‘leituras’ dos códices efetuadas por informantes

ou por historiadores “indígenas” a uma *escuta anônima*. (SEGALA, 1989, p.132-3)

Tratar-se-ia talvez, muito mais, de tentar mergulhar nas modalidades em que tal escuta ocorreu, para aí, quem sabe, descobrirmos o que se perdeu, do que abismar-nos em contemplações narcísicas que só nos levariam de volta a nós mesmos e ao ofuscamento do “outro”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDOT, G. *Les lettres précolombiennes*. Paris: Privat, 1976.

BAUDOT, G., TODOROV, T. *Récits astèques de la conquête*. Paris: Ed. Seuil, 1983.

GRUZINSKI, S. *La colonisation de l'imaginaire*, Paris: Gallimard, 1988.

NUÑO, R.B. *Imagen de Tláloc*. Mexico, DF.: Universidad Autonoma de México, 1988.

SEGALA, A. *Histoire de la littérature Náhuatl*. Roma: Bulzoni, 1989.

SOUSTELLE, J. *La vie quotidienne des aztèques à la veille de la conquête*. Paris: Hachette, 1955.

WARBURTON, W. *Essai sur les hiéroglyphes des Égyptiens*. Trad. L. des Malpeines. Paris: Aubier-Flammarion, 1977.